

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DA ASSIGNATURA

EM AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$000 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.
 FORA D'AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$125 rs.; semestre (25 n.º) 370 rs.

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
 No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
 Numero avulso 30 rs.
 Redacção e administração — rua Direita.

AVEIRO

INDIFFERENÇA

Quando um enfermo pelo seu estado pathologico chega a ser insensivel á dôr, á febre e ao frio, é certo que a doença é muito grave e que a sua vida está muito em perigo.

Pois esta verdade universalmente conhecida e incontestavel na vida phisica do homem, não é menos incontestavel na vida social do povo, comquanto seja menos conhecida.

Todos sabem que o doente, quando não sentos cauterios está ás portas da morte; mas nem todos comprehendem que quando o povo fica insensivel ás prepotencias da auctoridade, ás iniquidades de juizes corruptos, ás delapidacões de governos immoraes, aos desvios da receita publica, a impostos tórpes a toda a perseguição e injustiça é porque o povo tambem está ás portas da morte. A sua vida social está nos paroxismos;

O seu direito, a sua liberdade vão aniquilar-se. O homem pela morte torna-se cadaver. O povo pela extincção dos seus direitos e da sua liberdade torna-se escravo.

A audacia dos tyrannos cresce com a fraqueza do povo. O povo que abdica a sua soberania e a sua força não tem direito de se queixar das prepotencias dos tyrannos. Se o roubam cale-se; se o privam da sua liberdade curve-se; se o atacam nos seus direitos roge-se. A sua missão perante o paiz, não é a de cidadão, é a de servo. E na verdade se o roubam por impostos, que não deve pagar, se o perseguem por actos que a consciencia lhe permite, se lhe coarctam a liberdade que a lei lhe garante, o que faz elle?

Quando muito faz sentir um rumor debil que o apparecimento dos sabres da municipal faz extinguir de prompto. E digo quando muito porque a maioria das vezes nem esse rumor se sente.

Que de acontecimentos, que são outros tantos insultos lançados á frente do povo, não têm passado sem um protesto?

Um mancebo não se descobre ao

passar uma procissão... é prezo e condemnado.

É um ataque á lei, que manda que ninguem seja perseguido por motivos de religião.

O povo deixa-o porém, passar sem protesto.

Um grupo de estudantes assobiam a *Marselheza*, cujo canto nenhuma lei prohibe. A policia apparece, prende-os e são condemnados.

É uma prepotencia.

O povo protesta, mas ainda assim deixa passar o desaforo.

Pessoas de todas as idades e de ambos os sexos andavam vendo as illuminacões, n'um dia de festa nacional; apparece um Arrobas capitaneando a bocalidade da policia municipal e civil; atropelam-se velhas, senhoras e crianças. É um escandalo, uma selvageria...

O povo deixa-o passar sem protesto.

Uns cidadãos honrados e benemeritos, que pertencem a uma commissão escolar são querelados e prenunciados. O seu crime é ensinar o povo a ler. Chega o julgamento e são condemnados.

É uma iniquidade monstruosa.

O povo protesta manifestando a sua estima pelas victimas do arbitrio, mas deixa sem castigo o juiz corrupto.

Uns rapazes vão divertir-se a outra banda é natural que na volta venham joviaes; dão vivas a uns individuos da sua sympathia: nada mais natural; não offendem ninguem; todavia a policia leva-os prezos, manipula umas partes onde existe tudo menos a verdade, as testemunhas assim o confirmam; mas o juiz condemna os rapazes que todos ou quasi todos são menores! É uma monstruosidade que chega a ser torpe.

E o povo não protesta e deixa passar a torpeza.

Finalmente o governo do rei gasta mil contos de reis em festas ao rei de Hespanha e regatáa quatro contos de reis para a festa nacional do centenario do Marquez de Pombal.

O rei proroga as côrtes até ser approvada a tratada de Salamanca e deixa para a futura sessão os projectos de lei de interesse para o paiz!

O governo do rei deixa em luta

vendia os livros. O que não teria em vendi-

do para andar de bote uma tarde inteira! Todos os meus livros no fundo do barco, em mangas de camisa, com o chapéu para traz e os cabellos soltos ao leque da brisa, puchava pelos remos, carregando o sobrolho para me dar a apparencia d'um velho lobo do mar. Enquanto estava em frente da cidade ia pelo meio do rio a igual distancia das duas margens onde o velho lobo do mar poderia ser reconhecido.

De repente as rodas d'um vapor battiam na agua ao pé de mim; ou então uma sombra pesada vinha para cima do meu bote, era a proa d'uma falua carregada de mag's. «Arreda do caminho, mosquito» gritava uma voz ronca; e eu suava, debattia-me para sahir do caminho. E a corrente a fazer tanta força nos remos, e os pontos perigosos do rio, o sorvedouro da «Morte enganadora! Não era negocio de pouca monta guiar-se ali n'aquelle bolicio com braços de doze annos e ninguem a tomar conta do leme.

Algumas vezes tinha a felicidade de encontrar a cadeia do rebocador. Agarrava-me logo a ella lá no fim atraz dos barcos todos que elle conduzia e com os remos immoveis como azas que pairam, deixava-me ir com aquella velocidade silenciosa que cortava o rio em grandes fitas d'espumas e que fazia correr dos dois lados as arvores, as casas do caes.

Adeante de mim, longe, bem ao longe, ouvia o batter monotonico da helice, um cão a ladrar n'um dos barcos que iam a reboque onde um fumosinho branco subia d'uma chaminé; e tudo isto me fazia a illusão d'uma grande viagem, da verdadeira vida de bordo.

com a fome muitas povoações das provincias e desperdiça centenas de contos em jantares e festas na viajata do rei ao Porto.

O governo do rei leva a sua audacia vilã até ao ponto de crear um corpo de espionagem que se espalha por toda a parte: nas casas de commercio, nas officinas, nas repartições e até nos quartéis, e já inaugurou as deportações de militares briosos e honrados que supõe adversos ao seu nefando systema politico.

E o povo assiste a todas estas monstruosidades, crimes, abjecções e torpezas sem applicar o castigo que merecem tanta injustiça, cobardia, e insolencia e abuso. Parece ser incencível a todos estes dolorosos cauterios. Se o está que diga adeus á liberdade e ao direito. Para cadaveres não ha direito nem liberdade. Se apenas está adormecido que se levante e olhe pela sua casa, que se ponha de atalaia por que o lobo fareja o redil; se não tiver coragem de lhe atirar ai d'elle e ai das ovelhinhas.

FRANCISCO MARIA DAS NEVES.

A CONDUCTA DO POVO

Somos um paiz de caloteiros, empenhados até ás orelhas e que se pagassemos a quem devemos não nos restaria nada.

Assim o assoalhou e proclamou aos quatro ventos do universo o *Times*, jornal official de Londres, lido e acreditado em todo o mundo civilisado e não civilisado.

500:000:000:000 réis de divida, 15:000:000:000 réis de juros annuaes e 5:000:000:000 de deficit!... Os bens das ordens religiosas comidos, os fóros nacionaes comidos, a importantissima verba das remissões militares comida, os passaes das parochias reduzidos a papel ou comidos do mesmo vale, as ultimas reformas d'algum alcance e convertidas em lei, por executar, as possessões ultramarinas que são preciosissimas joias da corôa portugueza no mais lastimavel e criminoso abandono ou sendo explorados pelo estrangeiro rapina e atrevido, a quem a incuria dos passados e presentes governos monarchicos portuguezes dá animo e garante impuni-

Infelizmente encontrar a cadeia era raro. O mais das vezes era preciso remar e remar ás horas do sol. O sol do meio dia a cahir de chapa sobre o rio, parece que ainda me queima. Tudo rebilhava, tudo refulgia em torno a mim. N'esta atmosfera offuscante e sonora que fluctua ao de cima d'agua e vibra a todos os seus movimentos, os rapidos mergulhos dos remos, as cordas dos homens, que puxavam á erga erguidas da agua escorrendo, faziam scintillações de luzes vivas de prata polida. E eu remava com os olhos fechados. As vezes pelo vigor dos meus esforços, pela força da agua de baixo do bote, julgava que andava muito depressa; mas erguendo a cabeça, via sempre a mesma arvore, a mesma parede em frente de mim na praia.

Emfim á força de fadigas, todo suado e vermelho de calor chegava a sahir da cidade. O barulho dos banhos, dos barcos, das lavadeiras, das motas de embarque diminua. As pontes espaçavam-se mais. No horizonte tremeluziam ilhas verdes. Então, não podendo mais, vinha enfileirar-me ao longo da margem, no meio dos canaviaes, e ali estufado pelo sol, pela fadiga, por aquelle calor pesado que vinha da agua estrelada de grandes flores amarellas, o velho lobo do mar desatava a deitar sangue pelo nariz durante horas successivas. Nunca as minhas viagens tiveram outro desenlace. Mas que querem? Achava isto delicioso.

Verdadeiramente terrivel era a volta. Partava-me de remar com toda a força, chegava sempre demasiado tarde, muito depois da sahida da aula.

A impressão do dia que acabava, os primeiros bicos de gaz no nevoeiro, tudo au-

gumentava o meu remorso. As pessoas que passavam entrando em casa socegradamente, cansavam-me inveja e corria com a cabeça pesada, cheia de sol e d'agua e já todo vermelho pela mentira que havia de pregar. Porque era preciso uma de cada vez para fazer aquelle terrivel «d'onde vens tu?» que me esperava á entrada da porta. Era esse interrogatorio da chegada que mais me aterrorizava. Devia responder alli firme, ter sempre uma historia prompta, alguma coisa tão espantosa, tão inesperada que a surpresa não desse margem a recriações. Dava-me tempo d'entrar, de tomar folego e para lá chegar, lançava mão de tudo. Inventava sinistros, revoluções, coisas terriveis, um bairro inteiro da cidade a arder, a ponte do caminho de ferro a cahir no rio. Mas a ideia mais original que tive foi esta:

Nesse dia chegava muito tarde. A minha mãe, que me esperava havia mais de uma hora, espreitava, de pé, ao cimo da escada. — D'onde vens?... grita ella. — Digam-me quantas diabruras pôde imaginar uma cabeça de creança. Não tinha achado nada, nada preparado. Tinha vindo tão depressa... De repente passava-me pela cabeça uma ideia doida — sabia que a pobre mulher era devota, catholica dos quatro costados como uma Romana e respondi-lhe com toda a falta d'ar d'uma violenta commoção: — Ó mamã... se tu soubesses!... — O quê?... o que temos mais?... — Morreu o papa. — Morreu o papa!... exclamou a pobre mãe e apoiou-se palida contra a pare-

de. Passei rapidamente ao meu quarto, um pouco assustado da enormidade da mentira; no entanto tive a coragem de a sustentar até final.

Lembro-me que foi uma noite funebre e doce; meu pae muito grave, minha mãe aterrada... Fallavam baixo á mesa. Eu abaixava os olhos, mas a minha vinda tarde tinha-se perdido tão bem na desolação geral, que ninguem já pensava n'ella. Cada um citava á porfia algum acontecimento comprovando a virtude d'aquelle pobre Pio IX; depois pouco a pouco a conversação perdia-se na historia dos papas. A tia Rosa fallou de Pio VII que se lembrava muito bem de ter visto passar no sul, ao fundo d'uma mala-posta, entre policias. Recordaram a famosa scena com o imperador: «Comediante!... Tragediante!... Era a centissima vez que a ouvia contar, essa terrivel scena, sempre com as mesmas entonações, os mesmos gestos e esse stereotipado das tradições de familia que são legadas e que ficam como estô, pneris, e loeas, como historias dos conventos.

E o mesmo, nunca me parecien tão interessante. Ouvia-a com sorrisos hypocritas, com perguntas, com ares de falso interesse e repetia com os meus botões: «Amanhã de manhã, sabendo que o papa não morreu, terô tanta alegria, que ninguem terá coragem de me ralhar!» Mesmo a pensar n'isto, fechavam-se me os olhos, e tinha visões de barquinhos pintados d'azul, com cantinhos do rio cheios de calor e grandes pernas de arachinides correndo em todos os sentidos e riscando a agua vidrada, como pontas de diamante.

Se tal cousa é um systema politico, nós concluímos á pluralidade de razão que as companhias da Calabria e da Tartaria não só estão dentro da lei mas devem ser acatadas e protegidas por humanitarias e civilisadoras.

Não. Se o recuar o mundo alguns seculos não fosse um impossivel, e se a Republica não estivesse fatalmente destinada a imperar, em Portugal e no mundo — nós gritariamos: viva D. Miguel II!...

Submettamo-nos, porém, á logica dos factos e á fatalidade das evoluções. O homem prepara os acontecimentos e dirige-os até que elles a seu turno o impellem irresistivelmente.

Acautele-se o povo, acautelem-se os chefes da democracia. O Caro, e bem caro, prepara uma impalmarção aos ludibriados progressistas. Não nos deixemos seduzir. A historia ali está patente para nos testemunhar a sinceridade, a boa fé, a lealdade da monarchia, tudo o que d'ella ha a espe-

de. Passei rapidamente ao meu quarto, um pouco assustado da enormidade da mentira; no entanto tive a coragem de a sustentar até final.

Lembro-me que foi uma noite funebre e doce; meu pae muito grave, minha mãe aterrada... Fallavam baixo á mesa. Eu abaixava os olhos, mas a minha vinda tarde tinha-se perdido tão bem na desolação geral, que ninguem já pensava n'ella. Cada um citava á porfia algum acontecimento comprovando a virtude d'aquelle pobre Pio IX; depois pouco a pouco a conversação perdia-se na historia dos papas. A tia Rosa fallou de Pio VII que se lembrava muito bem de ter visto passar no sul, ao fundo d'uma mala-posta, entre policias. Recordaram a famosa scena com o imperador: «Comediante!... Tragediante!... Era a centissima vez que a ouvia contar, essa terrivel scena, sempre com as mesmas entonações, os mesmos gestos e esse stereotipado das tradições de familia que são legadas e que ficam como estô, pneris, e loeas, como historias dos conventos.

E o mesmo, nunca me parecien tão interessante. Ouvia-a com sorrisos hypocritas, com perguntas, com ares de falso interesse e repetia com os meus botões: «Amanhã de manhã, sabendo que o papa não morreu, terô tanta alegria, que ninguem terá coragem de me ralhar!» Mesmo a pensar n'isto, fechavam-se me os olhos, e tinha visões de barquinhos pintados d'azul, com cantinhos do rio cheios de calor e grandes pernas de arachinides correndo em todos os sentidos e riscando a agua vidrada, como pontas de diamante.

(Contes du Lundi).

FOLHETIM

Alphonse Daudet

Morreu o Papa

Passei a minha mocidade n'uma grande cidade da provincia, cortada ao meio por um rio de muito movimento, onde de muito novo tomei gosto ás viagens e adquiri uma forte paixão pela vida sobre as agnas. Hoje mesmo não me lembro sem commoção d'um cantinho do caes ao pé d'uma vielha de S. Vicente. Ainda estou a ver a taboleta affixada no cume d'um mastro: «Cernet, barcos d'aluguer»; a escadinha que mergulhava na agua, escorregadia e negra da humidade, a flotilha de botes pequenos pintados de fresco com as mais vivas cores, alinhados ao fundo da escada, baloçando docemente como se os tornassem ainda mais leves os lindos nomes que traziam á popa em letras brancas: «o Colibri, a Andorinha.»

Depois, entre os compridos remos resistentes de alvaiade que seceravam d'encontro ao muro, o tio Cornet passeando com a sua cara tismada, retalhada, enrugada de mil covinhas como o rio n'uma tarde de vento fresco... Ah! o tio Cornet.

Foi o satanaz da minha infancia, a minha paixão dolorosa, o meu peccado, o meu remorso. Quantos crimes eu não commetti por causa dos seus botes! Não ia á aula,

rar. O passado mostrava-a em suas relações com o povo valendo-se da estu- cia quando a força brutal lhe não aproveitava. A inconciliabilidade dos privilégios monarchicos, e das suas assumpções com os interesses, liber- dades, franquia e necessidades do po- vo não é ponto de duvida para nin- guem. Não nos deixemos embair pe- la rapoza da constituição, que não é mais nem menos do que o urso da velha realza tosquiado e despellido.

O sangue do povo correu e correrá talvez, desgraçadamente. Assim o quer o acrobata do cavaquinho, gorilo com entranhas de tigre e impotencia cerebral hysterico cruel. Nada de dar motivo, remotissimo que seja, aos amoncos da situação para fazer metra- lhar o povo pelos filhos do povo que, lamentavel cegueira! — não se horri- sam do parricidio e do fratricidio para servir quem tão mal lhe paga, quem tão pouco os considera e a quem nada devem.

Portuguezes! — recusae-vos em mas- sa, pacifica, impossivelmente a pagar as contribuições com que injustamen- te vos carregaram e que não podeis satisfazer! Deixae instaurar o proces- so de penhora; mas todos, todos!

E depois veremos o que se deve fazer.

EDUARDO ARVINS.

MUTAÇÃO

Portugal está n'um estado deses- perador. A fome a arruinar-nos a existência, a orgia do paço a abalar-nos as crenças, os governos a cavarem-nos o tumulo. É o principio da decompo- sição social é o anathema das gera- ções devassas.

No fundo escuro d'este quadro som- brio e triste tendo por unica lampada a extinção e esphacelamento do existente, ha uma figura descarnada e nua, uma es- tatua de rosto negro e feroz, sanguinaria e mephistofelica, que é preciso derribar. Está representada a essencial força do despotismo, a condensação vergonhosa e repellente das iniquidades azorra- gando o poder do bom. As suas faces cavadas e frias como o halito das ins- tituições, cujo bafejo é o gelo das po- dridões, ostentam medonhos os effeitos d'uma orgia louca, infernal, vertiginosa; os seus olhos encovados e enele- tricos, sem brilho real, cheios d'espanto e terror, seguem desassocega- damente as multidões que se arrojam para a evolução do ideal, e que per- passam, avançando arrojadas e intrepidas ao fragor da lucta, com o en- thusiasmo no coração e o denodo no espirito, pedindo a implantação do consistente; as suas narinas alongadas desmedidamente e fumegantes de cansa- ço e odio, impellidas ao sopro abra- zador d'um estrondear rouco e medo- nhamente horrivel, ás oscilações ter- riveis do genio revoltado e embravecido, ás impressões desassocegadas do ex- pír da devassidão, sorvem com avi- dez indizível o ar d'essa atmosphera de luz e razão, de crenças e amor,

FOLHETIM

JESUITAS E REIS

VI

IRRELIGIÃO

No proseguimento da sua obra de impiedade e atheismo dogmatizaram os doutores da seita o seguinte:

A incredulidade dos infieis ou dos hereges, que não chegaram a ter al- gum conhecimento da fé, os exime de toda a culpa. Quanto aos que ouviram fallar d'ella se não fazem tudo o que n'elles está por se instruirem mais na mesma fé peccam n'isto contra um certo preceito da lei natural mas não peccam contra o preceito da fé;

O que é falso pôde vir a ser evi- dentemente crível por uma evidencia relativa que baste para convencer as gentes rudes. Igualmente o falso pôde ser da mesma sorte proposto para se crer de fé divina;

Do mesmo modo um homem de- pois de haver crido que em Deus ha tres pessoas pôde principiar a duvidar que assim seja;

Geralmente fallando não é eviden- te haver sobre a terra alguma reli-

nascidas ao clarão sublime dos pensa- mentos democraticos; os punhos cer- rados e horrosamente comprimidos ameaçam as ideias nobres no seu cam-inhar veloz e tentam calcar á força as fogosidades naturaes dos que sen- tem a oppressão dos systemas.

A estatua está assim collocada no fundo d'este quadro que o pincel cora- joso d'um Robespierre poderá facil- mente transformar.

É essa a estatua que primeiramen- te devemos fazer cahir. É a estatua do mephitismo renitente, é a ephigie da devassidão do seculo.

É a estatua da monarchia.

Desde que a autonomia irrisoria da força subrepuiu a autonomia gran- diosa dos seres, esta estatua é um insulto vilissimo á civilisação, é o alvo ridi- culo onde se vão gravar o gargalhar estridente e tumultuoso das turbas, e o sorrir escarnento, soberano de des- prezo, das ideias alevantadas.

Abaixo, pois, com ella! Queremos outro quadro! Desejamos o povo ajoel- hado reverentemente ante o emblema da justiça e ao lado uma mulher se- gurando a bandeira tricolor solta aos ventos ao som da Marselheza! Para querermos a evolução nos systemas é preciso que desejemos tambem a re- volução das artes!

Quadros novos! Venham quadros novos! Fóra com a podridão e com as velharias! Venha a luz da demo- cracia substituir a deformidade do exis- tente!

THEMIS.

CARTAS

Lisboa 15 de Setembro.

Morreu ante-hontem, de madruga- da, em Cintra, o decano dos jornalista- portuguezes, Antonio Rodrigues Sampaio, que havia nascido em 25 de julho de 1806, na freguezia de S. Bar- tholomeu do Mar, proximo de Espo- zende. O seu funeral acaba de reali- sar-se agora, tendo o cadaver saído da igreja de Santa Isabel para o cem- iterio dos Prazeres.

A imprensa hontem dava treguas ás questões partidarias da politica, e toda unanimemente commemorava com palavras ceatidas o passamento do dis- tincto jornalista.

É bastante cedo ainda para traçar a biographia de Sampaio, que por um tão largo tempo, desempenhou o pa- pel proeminente na historia politica do nosso paiz; por isso corre-nos hoje o dever de calar quaesquer phrases que as suas virtudes ou os seus erros nos podessem suggerir.

A biographia do redactor do *Spe- ctro* e da *Vedeta da Liberdade*, do com- panheiro de Marreca, Henriques No- gueira, e José Estevão na junta revolu- cionaria de 1849, de que este últi- mo era presidente, e do moderno mi- nistro de D. Luiz que tomou a res- ponsabilidade de todos os actos do par- tido regenerador, só a posteridade a poderá escrever.

Como collaboradores na imprensa

gião que seja verdadeira. Tambem o não é mais, que entre todas as reli- giões a christã seja a mais verdadeira, nem que os prophetas hajam sido ins- pirados por Deus, nem que fossem verdadeiros os milagres de Christo;

Tambem, exceptuando o caso do artigo de morte, ninguém é obrigado, e nem ainda pôde crer com uma fé a tudo superior, a revelação e os myste- rios d'ella. E ainda no artigo de mor- te o preceito da fé nos não obriga a crermos se não como podermos a re- ligião que nos parece mais provavel, não tendo então o tempo necessario para examinar a verdade entre tantas religiões tão differentes;

A unica fé explicita que nos é ne- cessaria é a de Deus como remunera- dor;

A fé explicita em Jesus Christo não é necessaria nem ainda para os mes- mos christãos. E o mesmo succede a respeito da trindade, da incarnação, do symbolo e do decalogo: um conheci- mento confuso da incarnação e da tri- nidade basta para a absolvição;

Como se não faz quasi nunca reflexão sobre o preceito de se fazer um acto de fé, apenas pode succeder que se peque por não o haver feito. Pela mesma razão a negligencia em se não instruir cada um sobre os mysterios

jornalística de Portugal, sentimos a perda de um dos seus mais distinctos membros; é só o que nos cumpre fazer agora.

— As eleições supplementares rea- lisar-se-hão no dia 5 de novembro. Os circulos vagos são os seguintes: Pon- te de Lima, Coimbra, Valença, Ribeira Grande, Funchal, Loanda, Gouveia, Sabugal, Lamego, Guimarães, Chaves, Alijó, Fafe, e em Lisboa, n.ºs 97 e 98.

Alem das candidaturas republica- nas, pelos circulos de Lisboa, a que já nos referimos, consta-nos que pe- los outros circulos se preparam mani- festações dos eleitores republicanos pe- rante a urna. Ao menos, nos circulos da Ribeira Grande, Alijó, Funchal e Loanda, cremos que com toda a cer- teza se effectuarão. Applaudimos este procedimento dos nossos correligiona- rios que é o unico recto e digno que pôdem ter; tanto é uma indignidade o eleitor republicano votar n'um candi- dato monarchico, como deixar de exer- cer esse direito, onde reside toda a sua força, força que elle poderia utilisar n'uma revolução que rebentaria, paci- ficamente, sem derramamento de san- gue, sem sacrificio de vidas.

Mas a monarchia de mãos dadas com o jesuitismo, tem embrutecido tanto este povo, que elle só sabe— pagar e rezar.

— No dia 12 do corrente mez rea- lisou-se em Almada, em casa do nosso correligionario, Augusto Maria da Sil- veira Junior, um jantar para o qual foram convidados alguns nossos ami- gos da capital. Foi resolvida, n'essa reunião, a fundação n'aquella villa, de um semanario republicano que será intitulado — *O Povo de Almada* — e que será dirigido pelo sr. Silva Lis- boa. Os prospectos para a publicação d'este novo defensor da ideia demo- cratica serão profusamente distribui- dos n'um dos proximos dias.

— A divida fluctuante em 31 de agosto era de 8.314:332\$795 reis, oito mil trezentos e quatorze contos, trezentos e trinta e dois mil, setecentos e noventa e cinco reis. A eloquencia d'este numero, dispensa qualquer co- mentario. Gordá e anafada como um bom frade bernardo.

— A instalação da associação de escola moveis pelo methodo de João de Deus está-se fazendo com grande ac- tividade e são dignos de louvor os pres- tantes cidadãos que estão á testa de tão útil sociedade.

— A Associação dos livres pensa- dores já entregou tambem á approva- ção da auctoridade, os seus estatutos, depois do que vae entrar no periodo definitivo de organisação.

— Todos os dias os jornaes das diver- sas côres politicas registam faltas de pa- gamento, por parte do governo, aos professores de instrucção primaria, e aos empregados menores das alfande- gas e dos correios. E não ha provi- dencias que se deem a esta grandiosa patifaria. Se elles só teem dinheiro para viagens triumphaes, para syndi- catos e para adiantamentos a altos personagens!

da trindade e da incarnação raras ve- zes pôde ser de gravidade tão grande que consigo traga um peccado mortal;

Alem d'isto basta com o baptismo crer geral e implicitamente o que crê a Igreja para se salvar;

Os infieis, pelo que lhes pertence não são nunca directamente obrigados a crer estes mysterios. E pelo que to- ca ao preceito, que impõe a Igreja, de se saber a oração dominical, o sym- bollo, a saudação angelica e o signal da cruz, a falta do cumprimento d'esta obrigação não se estende além d'um simples peccado venial;

Nenhum amor é devido a Deus por justiça, ainda que todo o amor se lhe deve por uma certa decencia e corte- zia;

Com effeito, o preceito do amor de Deus não obriga nem nos dias de festa, nem no tempo do baptismo, nem no da absolvição, nem no da morte por que em todos estes casos basta a at- trição. E tal é o privilegio da lei de Jesus Christo que pela virtude do sa- cramento podemos obter a nossa jus- tificação, ainda sem amor;

Alem de tudo quando, emfim, este preceito obrigasse, facilmente se ad- mitte uma ignorancia invencível que es- cusasse do peccado aquelles que nunca o cumpriram;

Isto tudo vae bom. Havemos de gostar, quando o governo não tiver dinheiro para pagar ao exercito ou aos empregados publicos de alta ca- thegoria. E lá se hade chegar. As des- pezas ordinarias crescem de dia para dia, alem d'estas ha os esbanjamentos extraordinarios; e a receita não au- gmenta, ao contrario, pois que o paiz, no estado lastimavel em que se en- contra a sua industria e a sua agri- cultura, não pôde pagar contribuições.

Continue o povo a *dormir sobre o caso* o verá o futuro que o espera.

— Foi ante-hontem assignado, no ministerio das obras publicas, o con- trato definitivo entre o governo e o sr. J. André Braam, para o estabelecimen- to e exploração de um cabo sub-mari- no entre Portugal e a America, tocando na ilha de S. Miguel. É um melho- ramento de ha muito reclamado para aquella tão importante ilha.

Y.

COMMUNICADOS

Sr. redactor:—Li no seu illustra- do jornal *O Povo de Aveiro* uma lo- cal que diz respeito a um processo cri- me contra a camara e escrivão d'este concelho de Vagos, o qual processo dorme o somno dos condemnados na gaveta do sr. governador civil. É real- mente censuravel um tal procedimen- to; e tanto mais o é quanto é sabido que este sr. é useiro e veseiro em pro- teger descaradamente as firmas mais safadas d'este misero concelho. Como prova da nossa asserção citaremos um facto analogo. Em 1872 a 1873, *si rite recorder*, houve aqui uma tal sr. Camara que tinha por presidente um bacharel em Philosophia e por vice- presidente um boticario. Pois estes srs., presumindo de sabios financeiros, ar- rogaram-se o poder central e por sua conta e risco meditaram e praticaram tantas sandices, que, custando caras ao municipio, lhes renderam um proces- so crime com as circunstancias aggra- vantes, já se vê, de desvios de dinhei- ros! E sabe o que aconteceu, sr. re- dactor? Foi o tal processo apodrecer na gaveta do sr. governador civil, co- mo agora succederá a este, e a tal sr.^a Camara nunca prestar contas da sua gerencia. São ou não factos identicos? São; e para o ver basta ponderar as innocentes desculpas dadas pelo sr. governador civil. Então era o dr. Coim- bra, que Deus tem, o culpado, hoje é o sr. dr. Joaquim de Mello, que tem o celebre processo, que o não quer dar. E afinal o sr. governador está a fazer um jogo baixo e villão denomi- nado, vulgarmente, do empurra, tor- nando aos outros o que é propriamen- te seu. Em vista de factos de tal or- dem, e que são veracissimos, que clas- sificação merece um funcionario pu- blico chamado governador civil?... Não somos letrados, mas damos-lhe um conselho d'amigo e é que siga um outro rumo e em harmonia com a lei. Não se sirva de evasivas chochas, sr.

Um homem que se acha em pec- cado mortal pôde sem algum peccado, nem ainda venial, dizer a si mesmo: *não quero agora converter-me a Deus.* É e não é permitido (ha distincções) usar de disfarce na administração dos sacramentos. Um grande medo escusa e não escusa do preceito divino de receber o sacramento do baptismo ou o da penitencia. Tambem é materia leve e o não é que um religioso deixe o habito da sua ordem por um motivo deshonesto;

É permitido dissimular cada um a sua fé na presença de qualquer par- ticular, ainda quando somos por este publicamente perguntados;

Um presbytero catholico pôde dis- simular a sua catholicidade sendo cha- mado por um luterano que a elle se dirige, entendendo que é um ministro ou predicante seu. Pôde e até deve absolvel-o sem que elle o saiba;

O auctor de uma boa summa de theologia vale mais que todos os santos padres. Nos santos o mesmo zelo e o mesmo odio contra o mal encen- dem sua alma e a levam até ao excess- so e até á violencia. Exemplo. S. Pau- lo dá armas a Calvino para sustentar a sua heresia;

Os doutores modernos se lerão com mais segurança que os antigos. Citar

governador civil; não jogue a cabra cega nem carambole sem tacho. Cum- pra com os seus deveres, pois é só o que lhe exigimos em nome da socieda- de offendida.

Mais dizia a local que n'este con- celho a clinica medica e cirurgica era exercida por uma corja de facinorosos chamados curandeiros. É facto veridi- co e incontestavel. É o fructo da boa policia sanitaria d'este desgraçado con- celho! O que acontece n'este ramo de serviço publico acontece em todos. Aqui não ha respeito ás leis e muito menos ás auctoridades. Pois onde é que se viu o que aqui se observa con- tinuamente? Os taes curões em perfei- ta parçaria com os boticarios; estes, um, presidente da camara municipal, deixando a botica entregue a uns gar- rotos; outro, juiz ordinario, ausente do julgado, e a botica entregue a anal- phabetos. Aqui não ha lei. Aqui as sr.^{as} auctoridades municipaes cuidam só da grande questão do dia, unica que lhes interessa—olhar para a sua parte interior a ver se o collete lhes as- senta bem e fica ancho.

— Se chegam a ver realiado este grande principio regulador das suas acções publicas (principalmente) tudc vai bem e ás mil maravilhas. Mas o sr. administrador do concelho, aucto- ridade competente para vigiar todos os abusos d'este concelho ignora que se o seu ex.^{mo} chefe tivesse feito castigar aquella camara de 72 a 73, não teria evitado este segundo processo, e não só este mas tambem todas as trian- polinas que continuamente estão pra- ticando? Para mim é de fé. É uma das obras de misericordia castigar os que erram.—Vigie pois todos os actos da camara, faça-lhes interpretar recta- mente as leis e cumpril-as com a de- vida exactidão! Cumpra finalmente com os seus deveres como auctoridade administrativa! Isto é negocio muito se- rio e de que eu não desabo não, vis- to que tirei a sanfona do prego. Para que não tornemos a fallar d'estas mi- serias, dispam-se de todos os terrores, preconceitos e baixos interesses, sr.^{as} auct. ridades. Os interesses particu- lares combinam-se perfeitamente com os sociaes; mas estes sempre são supe- riores áquelles. Combinem-os pois, e no desempenho de suas funções des- pressem as conveniencias partidarias e attendam sómente ás sociaes. Não os assustem os raios do Vaticano que a ninguém já ferem, nem as lamas da Boa-Vista, que já não existem. Podem portanto contar conosco emquanto não tomarem trilha.

24 d'Agosto de 1882.

UM MUNICÍPEL.

Do *Raio* transcrevemos o seguinte judicioso e engraçado artigo:

«Correios e telegraphos em Portugal fo- ram sempre obra peca e caricata. Um dia um estadista da nossa terra teve a ideia es- quentada de juntar estas duas trapalhadas, e o resultado ahi o temos bem claro para ver- gonha d'este paiz — uma porcaria!

Um sujeito lembra-se ás 9 horas da ma- nhã de mandar um bilhete postal a um ami-

continuamente os santos padres, e os santos padres sós, é um discurso no qual se percebe a insolencia heretica;

Alem do purgatorio ha outro logar semelhante a um prado coberto de to- da a sorte de flores, illuminado d'uma bella luz, exhalando um cheiro delicio- so. Lugar bello... Este será um pur- gatorio mitigadissimo e semelhante a uma prisão senatoria e honorifica. Os meninos mortos sem baptismo serão n'elle postos. E serão contentissimos, porque não havendo sido privados por culpa sua da gloria dos bemaventura- dos, não hão de ser agitados pelo de- sejo de a possuirem;

Se Deus não queria que os judeus se convertessem á fé e pela fé á salva- ção, é necessario confessar que repre- sentava bem a comedia;

A sociedade de Jesus não é de ne- nhuma sorte uma invenção humana. Jesus Christo mesmo foi a invenção d'ella. Jesus Christo prescreveu e pra- ticou a sua regra. A sociedade con- tem o cumprimento da propheta de Malachias, etc., etc.

EDUARDO ARVINS.

go com quem precisa de conversar ás 8 horas da noite em determinado sitio. «Gasto 10 réis diz elle consigo, Fulano recebe o bilhete muito a tempo e escuso de mandar lá um moço de fretes com uma carta. Economia de tempo e de dinheiro».

E espera o amigo ás 8 horas da noite, muito cheio de confiança no correio cá da nossa terra. Pois sim! Pode esperar! O bilhete postal chega ao seu destino no outro dia ás 11 da manhã, quando não se extravia, caso que se dá, por via de regra, 50 vezes em cada 100!

Outro sujeito precisa de mandar com urgencia 50 mil réis para Santarem, afim de pagar um letra n'aquelle dia. «Escuso de me affligir, diz elle. São 9 horas da manhã, vou ali abaixo ao Terreiro do Paço, expeço um vale telegraphico, e d'aqui a meia hora tenho lá o dinheiro.»

E manda passar o vale telegraphico muito descansado da sua vida.

No dia seguinte, senta-se á mesa ao meio dia, em frente de um succulento almoço, o mais despreocupadamente possível. Chega o carteiro com uma carta. «É a letra que hontem foi paga,» diz o homem.

Pois sim! É a noticia do protesto da letra, porque o dinheiro não chegara ao seu destino...

O homem, furioso, com a cabeça perdida por aquelle enorme transtorno, interrompe o almoço para ir pedir explicações ao empregado á quem entregara os 50.000 réis. Chega á repartição, expõe a sua queixa, e recebe em resposta:

—Desculpe, sr. O vale não foi, por esquecimento. O serviço é muito... ha aqui uma balburdia!... Mas o dinheiro vae immediatamente.

O transtorno fôra grande, mas que fazer? O nosso homem volta á casa para concluir o interrompido almoço, depois de ter telegraphado ao destinatario, contando-lhe o occorrido.

D'ahi a duas horas batem á porta. É um bolitineiro do telegrapho. «Bom, diz o homem ao vêr um telegramma. Vem ahí a noticia de que receberam já os 50.000 réis. D'esta vez não houve muita demora!»

E abre tranquillamente o telegramma. As primeiras palavras, porém, descora e solta uma phrase... energica... O telegramma, com resposta paga, dizia-lhe o seguinte.

«S'ó duas horas tarde. Letra protestada, não vindo dinheiro vale telegraphico.»

—Mas que diabo de trapalhada é esta?! exclama o sujeito no auge da colera.

De repente, lembra-se de olhar para a data do telegramma. Era do dia anterior, e gastara trinta horas para chegar de Santarem a Lisboa!

Não phantasiámos. O facto é real, e, como este, ha milhares d'elles que poderiamos contar aos nossos leitores.

E a correspondencia?

Ah! A respeito da correspondencia temos muito que fallar. Mas o espaço hoje escasseia e continuaremos no proximo numero.

Isto de correios e telegraphos em Portugal excede os limites do inacreditavel. É uma perfeita sarrabulhada.»

Bocareja-se pela cidade dos arcebispos que o reverendo capellão da egreja do Carmo insinuara na confissão á filha de um camarista da terra, abusando da sua piedade religiosa, que intercedesse junto de seu pae para este influir no senado bracarense afim de ser deferida a questão de um terreno no sitio de S. Pedro Maximinos em favor de um empenho d'elle capellão.

Segreda-se mais que as testemunhas, na causa pendente com o municipio, também têm sido influenciadas pelo mesmo reverendo...

Isto é peta por força, não é, ó senhores da Catholica bracarense?

As leis ecclesiasticas não punem os subornos dos padres nos confessionarios?

Qual! No seu santo ministerio, os padres são a figura de Jesus Christo na terra, dizem-n'o elles a todos os instantes.

(Da Folha Nova.)

Acerca do terrivel desastre succedido na linha ferrea de Friburgo-Colmar-Munster de que o telegrapho fallou no dia 5 extraimos do *Express* de Mulhouse os seguintes pormenores:

«Um espantoso sinistro occorreu hontem pelas 8 1/2 horas da noite, na linha de Friburgo-Colmar Munster, durante um furioso temporal de chuva e vento.

«Como é sabido, organisára-se n'esta linha um comboio de recreio. O numero dos viajantes fôra fixado em 1:200; 600 logares haviam sido reservados para os habitantes de Colmar 300 para os de Munster, finalmente, para cada uma das estações intermediarias tinham sido reservados 60 bilhetes. Todos os bilhetes haviam sido comprados na terça-feira de manhã, e hontem de manhã todas as carruagens de 3.ª classe de que se compunha exclusivamente o comboio estavam apinhadas de uma turba que os alegres

raios do sol tornavam duplamente alegres.

A viagem fez-se em circumstancias normaes; mas na volta a mais horrorosa catastrophe esperava os excursionistas.

As duas primeiras estações depois de Friburgo são Hugstetten e Gottenheim. Entre estes dois pontos, a via fôrma uma curva e passa por cima de um talude ladeado por dois fossos, agora cheios de agua. O comboio levava então bastante velocidade. Não se sabe porque motivo, produziu-se um descarrilamento, a machina foi precipitada n'um dos fossos que ladeiam a via, e as carruagens em virtude do impulso adquirido, subiram umas por cima das outras, esmagando em turba multa os viajantes que ellas continham. Só as cinco ultimas carruagens ficaram sobre a via, em consequencia de se quebrar uma cadeia.

Pôde imaginar-se o horrivel cáhos que formaram todas aquellas carruagens esmigalhadas na sua espantosa queda com a massa humana que continham.

A noite era profunda. Toda a sinistra scena era allumiada, a espaços pelo céu, porque n'aquelle mesmo instante ribombava uma formidavel trovoadá. Os viajantes das 5 carruagens, que tinham escapado ao sinistro, correram a dar voz de alarma nas estações de Hugstetten e de Gottenheim. Os sinos tocaram a rebate nas aldeias e de todos os lados affluiram soccorros.

Á meia noite, mais de 300 cavallos e vehiculos de todas as fôrmas e de todos os generos, se encontravam reunidos no theatro da catastrophe e principiaram a levantar feridos. Veiu de Colmar um comboio especial, outro de Friburgo; levaram para essas cidades os feridos, cujo numero chega a 300, segundo se diz. Os dragões da guarnição de Colmar foram requisitados e, transformados em conductores de macas, levaram as victimas para o hospital e para os seus respectivos domicilios.

Em Colmar e no valle reina a mais profunda consternação. O quadro que esta manhã apresentavam as diversas estações do percurso era desolador. Poucas familias ha que não tenham algumas victimas a chorar, entre mortos e feridos do horrivel desastre. Apontamos um exemplo: a mulher do chefe da estação de Munster foi morta, e deixa 8 creancinhas.

O comboio, como acima dissémos, conduzia 1.200 pessoas em 24 carruagens.

Só cinco carruagens ficaram na via outras cinco ficaram totalmente esmigalhadas.

Segundo as mais exactas informações que nos foram communicadas por alguns dos que escaparam á catastrophe, o numero dos mortos eleva-se a cerca de 60.

O numero dos feridos deve ser de mais de 300. Esperamos ainda que seja exagerado este numero, e que ultteriores informações nos permitam reduzir-o.»

Segundo o telegrapho communicou parece que a causa de tão grande desastre foi a queda d'um posto telegraphico sobre a linha.

(Do Seculo.)

À Direcção Telegrapho Postal d'Aveiro

Pedimos a graça de o sr. Prazeres declarar a origem da queixa que diz ter feito Eduardo Arvins, de Sever do Vouga, relativa á falta de recepção dum numero do *Povo d'Aveiro*.

Esta queixa, se bem nos lembramos, foi feita nos seguintes termos, ao administrador d'aquelle jornal.

«Queira v. enviar-me o ultimo numero do *Povo*, que não recebi.» Sever do Vouga, 1882.

Eduardo Arvins.

Uns lavradores da freguezia de Guardizella (concelho de Guimarães) foram trabalhar para o campo, deixando sós em caza uma criancinha de 8 mezes. Quando voltaram do trabalho, depararam com o horrivel espectáculo de ver o innocentino morto e meio devorado.

Durante a ausencia dos paes introduziu-se dentro da casa um porco por uma porta que tinha ficado aberta e

despedaçou a innocente creancinha. Que reparem para este lamentavel acontecimento os desleixados pais, que costumam commetter d'estas imprudencias.

A vida dos tyrannos está sempre em grande risco.

Mais um attentado contra a existencia do Czar da Russia se acaba de effectuar. Pôde-se dizer, que apenas por uma questão de mero acaso, o tigre corôado escapou d'esta vez.

Ao terminar uma brilhante revista, uma companhia de engenheiros lançou uma ponte sobre um fosso para abreviar o caminho ao imperador. Depois de a companhia de engenheiros ter passado sobre a ponte sem incidente de qualidade alguma e de terem sido reforçados os pilares da mesma, o Czar penetrou na ponte; mal elle tinha chegado á outra extremidade a ponte desabou, como um castello de cartas, arrastando na sua queda o grão-duque Miguel, dois generaes de nomeada e alguns individuos mais que compunham o seu estado maior. O grão-duque fracturou duas costellas; todos os demais ficaram bastante contusos. Já se effec uaram 74 prisões.

A vida do autocrata está por dias. A justiça do povo é infalivel. Tenhamos fê nos seus direitos e na sua audacia.

N'uma tourada que teve lugar na Moita deu-se um caso que ia tendo serias consequencias.

Era enorme a affluencia de povo que estava dentro da praça. Tiba-se vendido um numero de bilhetes superiores aos lugares que comportava a praça. Cá fóra estava muito povo que queria entrar. Havia uma grande balburdia.

N'isto o administrador requisitou a força armada. O capitão da força que estava n'um camarote mandou calar bayonetas. O tumulto augmentou. Os espectadores gritavam que queriam entrar, que tinham pago os seus bilhetes.

Neste momento uma multidão de homens, mulheres e creanças arrambou uma das portas e tomou os lugares da sombra.

O capitão da força, muito rogado por varios cavalheiros, com difficuldade se conteve nos limites da prudencia. Queria a todo o custo fazer fogo sobre o povo.

Isto vae tudo assim. Ainda n'outro dia em Mêda se fuzilou o povo com o maior desaforo e inclemencia selvagem; agora esteve vae não vae para se repetirem as mesmas brutalidades.

Corja d'animaes.

Em uma corrida de novillos realisada em Pozuelo, na Hespanha, ficaram feridos gravemente 13 individuos um dos quaes já morreu. Os amadores das touradas que continuem a propalar a excellencia de taes divertimentos, que os factos encarregam-se de os desmentir.

Sucia de brutos.

Eis algumas palavras d'uma disposição testamentaria interessante d'um beato catholico:

«Primeiramente encomendo minha alma a meu Senhor Deus, que a fez e creou de nenhuma coisa e peço á Benta Virgem Maria, Sua Madre Rainha dos Ceos, com todos os Santos e Santas da Egreja do Paraiso e ao Bem-aventurado Padre S. Francisco, que sejam rogadores por mim, ao meu Senhor Jesus Christo, que por seu precioso sangue me remiu, que quando a minha alma d'esta carne peccadora sahir vá diante de Sua Magestade sem temor de seu Juizo—Amen.»

Com tal palavrado, este pobre diabo quando morresse não deixaria de ter uma recepção magnifica na corte celestial.

Victor Hugo, o revolucionario sublime e o sympathico poeta da humanidade, anda actualmente em viagem pela Normandia.

A agitação progride de novo na Irlanda com mais ardor e intensidade. O espirito revolucionario do povo que se esforça por ser livre, não pode dei-

xar de manifestar-se todos as vezes que os governos oppressores assaltam e compromettem os direitos populares.

A patriótica Irlanda comprehende perfeitamente a sua posição e o seu dever, oppondo um desafio constante á altivez dominadora e absorvente da sua cara irmã da Grã-Bretanha.

A Irlanda triumphará um dia fatalmente.

Na cruzada dos Albigenes, depois da tomada de Béziers, quiz Simão de Monfort passar os hereticos ao fio da espada; mas, achando-se muitos catholicos na cidade, perguntou a um bispo como havia de distinguir os hereticos dos catholicos.

—Matae-os todos, lhe respondeu o bispo, Deus escolherá os seus.

O beaterio miguelista de Lisboa vae dar um banquete no dia do anniversario do seu querido bebé D. Miguel H. Estes ao menos tem uma grande qualidade que os recommenda—são inoffensivos.

Pobres palermas.

Os professores do concelho de Poaires ha seis mezes que não recebem os seus ordenados.

É um desmaselo perfeitamente jesuítico.

É assim que os nossos governos protegem a instrucção! Na impossibilidade talvez de a correrem a pau, vingam-se então em não pagar a esta pobre gente.

Os positivistas de Paris acabam de fazer uma manifestação justa ao tumulo do eminente positivista Augusto Comte. Pronunciaram-se alguns discursos. Diversas corôas foram dispostas sobre o tumulo. No cemiterio também se achavam algumas senhoras.

As eleições supplementares realisam-se sómente no dia 5 de novembro.

Ao nosso collega do *Districto de Vizeu* agradecemos a transcrição do artigo denominado—*Rouget de Lisle e a Marselheza*, que sahi publicado em um dos numeros d'este jornal.

Recebemos o 3.º numero da folha humorista *O Alfacinha*. Francamente, não vem nada mau. A continuar assim agouramo-lhes grandes prosperidades.

Vae abrir-se brevemente o seminario das missões ultramarinas no convento de Chellas, sob a direcção do bispo de Bragança.

Venha de lá mais essa. No momento em que o povo pede pão e tudo está pela hora da morte, o sr. Fontes promette-nos reformas politicas e traz os jesuitas na palminha das mãos.

Fora com taes jesuitas e taes devassos.

Parece que a origem das desordens em Mêda, no dia 3 do corrente, fora um taberneiro não querer pagar um imposto de 60 réis, que ha muitos annos se paga por cada barraca armada no mercado.

É tal a prepotencia das autoridades que por tão pouco se manda fuzilar o povo.

Foi ha dias lançada á agua uma nova guiga para o sr. D. Luiz. Paga Zê e cala-te.

Muito comer e pouco trabalhar, alguma coisa havia de dar.

O sr. Ferrari reclama pelos seus serviços como encarregado do jantar da familia real, na casa do Arco da cidade de Vizeu, a insignificante quantia de 3:000\$000 réis aproximadamente.

Exige também da commissão do Gremio 300\$000 réis pelo trabalho de fazer sorvetes e harquiilhas, não entrando n'esta quantia 150:000 réis para o serviço do bufete real.

Que dizem a isto? Naturalmente o mesmo que nós.

Pobre Zê Pagante que tens de comer uma sardinha e códea para pagares jantares aonde se consomem contos de réis... Se elle pôde e deve pagar mais.

Partiu no dia 12 d'esta cidade para Espinho uma força de 30 praças, com o fim de obstar a que as casas da Roleta prosigam no seu mister. Louvamos o procedimento do sr. Governador Civil.

Era de urgente necessidade atalhar um mal que tantos estragos tem causado. D'aquella praia tem retirado muitas familias, poucos dias depois d'ali chegarem, porque a Roleta assim o exige.

A principal d'estas casas ganha já este anno 30:000\$000 réis aproximadamente.

Abaixo com ellas.

A camara tem descurado de todo as arvores que em tempo dispoz nas duas estradas do Cojo e da Fonte Nova. É desolador o aspecto que offerecem aquelles frageis arbustos a mirrarem-se á falta d'agua e de disvelos de mão carinhosa.

Cada vez nos convencemos mais de que a camara, quando fez a plantação das novas arvores já estava disposta a deixal-as acabar pelo abandono mais lastimoso. O caso pedia e a conveniencia aconselhava que era preciso, para principio de vida, fazer alguma cousa que desse na vista. Foi portanto o que se fez. Pois como se pode tomar a serio, que uma camara, que manda mutilar e cortar arvores magestosas, se dê agora ao trabalho em dar vida e dispenser cuidados com uns pobres arbustos que ainda foram plantados ha poucos mezes?

Sr.ª camara, isto vae mal. Já que não faz alguma cousa que geito tenha, ao menos conserve o que já está. Dê de beber ás pobres arvores, que ellas, as coitadas, bem devem merecer as sympathias de quem lhes deu o ser. É uma obra de caridade dar de beber a quem tem sede.

Continuamos a receber queixas dos nossos assignantes, de não terem recebido alguns numeros d'este jornal, e que temos mandado para o correio.

Estamos convencidos de que estas irregularidades não partem da administração do correio d'esta cidade e que os ditos jornaes tem sido expedidos; mas é certo que os nossos assignantes não recebem muitos d'elles, o que prova que o serviço dos correios é geralmente pessimo.

No dia 6 de julho entregamos no correio os recibos dos nossos assignantes de Amares, para o correio ali fazer a cobrança. São passados mais de dois mezes e até hoje não ha noticias de taes recibos. Pedimos portanto ao sr. Director geral dos Correios se digne reparar para estas irregularidades constantes e que vão tomando o caracter de abusos insupportaveis.

Está gosando de 40 dias de licença o sr. juiz de direito d'esta comarca, D. Frederico Malafaya. Está actualmente fazendo as suas vezes o sr. Lourenço d'Almeida Medeiros, um bellissimo character, e que já por diversas vezes tem desempenhado as mesmas funções judiciaes com dignidade e honradez.

PILHERIAS

- Que fazes, menina?
- Estou dando cor n'esta boneca.
- Com que?
- Com genebra.
- Com genebra? Mas, como que- res tu que com esse liquido se torne encarnada a boneca?
- E porque não? Não disse a mamã, que foi a genebra que poz o nariz do papá encarnado?

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO

Fernando Homem de Carvalho Christo, com loja de carpinteiro na rua d'Alfandega, toma encomendas de carpintaria, constando de portas e janelas e outras construções neste genero, para o que tem excellentes madeiras e por preços muito commodos.

MACHINAS LIGITIMAS SINGER

Chegou ao deposito da Companhia Fabril Singer na rua de José Estevão d'esta cidade um novo e variado sortimento de suas machinas de costura, com novos melhoramentos e por preços convidativos.

Tem apparecido por ahí algumas machinas a imitarem as verdadeiras do Singer. É preciso reparar bem na sua marca e ver se são legitimas.

N'esta cidade só se vendem na companhia Fabril Singer na rua de José Estevão 75 a 79 e em Ovar na Praça.

A MARSELHEZA

Em francez e portuguez

Um folheto de 8 paginas, com uma gravura, preço 20 reis. Vende-se no Porto, kiosque da Praça de D. Pedro, em Coimbra, na loja do sr. João Correia d'Almeida.—Pedidos da provincia, a J. B. Rua da Mouraria, 87, Lisboa.—Precisam-se agentes na provincia.

CONSELHEIRO DO POVO

Manual Pratico dos cidadãos portuguezes para cada um se dirigir e requerer por si, sem dependencia de procuradores, nos tribunaes e repartições publicas, segundo as leis do Reino.

Sahi á luz o 3.º fasciculo d'esta interessante publicação.

Acha-se á venda no kiosque do Rocio (lado norte).

Custa apenas 120 rs.

AGENCIA DE ENCOMENDAS

DE

PORTUGAL E BRAZIL

Proprietario—Francisco Nunes Collares

COMMISSÕES DIMINUTAS
18, Rua da Atalaya, 18

LISBOA

GRANDE SUCESSO

A FAVORITA DE BOU-AMENA

O MAIS DRAMATICO DOS ROMANCES CONTEMPORANEOS POR

LOUIZ D'ARENE

Versão de Augusto José Vieira

Folhas de 8 pag. 10 rs.—

Estampas a 10 rs.

O enredo d'este magnifico romance, todo palpitante de interesse, desenvolve-se nos nossos dias; os personagens, pela maior parte ainda existentes, reconhecem-se perfeitamente.

A Favorita de Bou-Amena, deve pois obter um exito sem precedentes na historia do folhetim contemporaneo.

O auctor teve o feliz arrojado de descobrir, primeiro do que ninguém, as velhacarias e traições de um homem, que occupando outr'ora uma das mais altas posições, está actualmente marcado para sempre pelo ferrete infamante da vergonha.

Um dos principaes assumptos d'esta publicação, é as conspirações Bonapartistas contra a Republica Franceza, as tramas com a Allemanha, com a Italia, com o Bey de Tunis, com Bou-Amena etc., etc.

No 2.º capitulo d'esta interessante obra, apresenta o seu auctor o marechal Bazaine entregue, aos seus projectos de traição á patria.

Luiz d'Aréne soube, ao mesmo tempo, crear heroes sympathicos cuja existencia arrojada e aventureira preparava as peripecias mais commoventes.

Os leitores encontrarão n'esta obra os effectos dos ardis de duas mulheres guiadas por paixões contrarias, o amor e o odio: uma perseguindo sem descanço a realisação do seu ideal, e a outra a destruição e a ruina da sua patria.

CENTRO GERAL DE PUBLICAÇÕES

DE

Dr. A. de Bessa Carvalho

CAMPO 24 DE AGOSTO



N'esta agencia recebem-se assignaturas, annuncios e communicados para todas as publicações litterarias, politicas, scientificas e industriaes, tanto do reino como do estrangeiro.

Roga-se a todas as livrarias e casas editoras a quem seja presente este annuncio, queiram mandar catalogos das obras á venda nos seus respectivos estabelecimentos e prospectos das publicações que iditem a fim de se mostrarem aos freguezes do CENTRO GERAL e obter assignaturas. A's empresas jornalisticas pede-se enviem exemplares dos seus jornaes para servirem de specimens.

Estes pedidos entendem-se com as livrarias, casas editoras e empresas jornalisticas, não só de Portugal como de todas as outras nações, que julguem conveniente ter n'esta terra—ou neste reino—uma agencia, não só para lhe angariar assignaturas, communicados e annuncios, como para lhe proceder a toda e qualquer cobrança.

COMMISSÕES MODICAS

DOMINGOS LUIZ VALLENTE D'ALMEIDA

COM

OFFICINA DE SERRALHARIA

EM



FORNECE lojas de ferragens, dobradiças, feichos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, bico de cobre, de ferro, balmazes de latão, carda ingleza, panellas de ferro, balanças decimaes, páus ferrados proprios para banhos e tudo pertencente ao seu ramo. Preços sem competencia.

SINGER!

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

nas machinas da Companhia Fabril



—Rua de José Estevão, 26 e 28—

Acaba de abrir-se n'esta cidade um novo estabelecimento de machinas ligitimas SINGER para familias, alfaiates, costureiras e sapateiros. Todas estas machinas se vendem tanto a prompto pagamento como a praso.

Grande abatimento nas vendas a prompto pagamento.

Em todas as machinas vendidas a praso dispensa-se a prestação de entrada, sendo o seu pagamento fei- **500 reis semanaes** to a

Todos os pedidos devem ser feitos a JOÃO DA SILVA SANTOS, na rua de José Estevão, 26 e 28.

João da Silva Santos
AVEIRO

NOVO ESTABELECIMENTO

DE

Crystaes, mobilia e mercearia

DE

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

—RUA DIREITA—

AVEIRO

N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de vidraça branca e de cor, molduras douradas e pretas, galetrias, paters, stores, transparentes, copos, calix, garrafas, jarras, espelhos, candieiros e seus pertences.

O annunciante tem tambem á venda muitos artigos pertencentes ao ramo de mercearia, o que tudo vende por preços muito modicos.

ALMANACH

DO

PAE ARROBAS

Para 1883

Contem: Kalendario—Tabellas—Juizo do anno—Casamento do sr. Fontes—A salamancada—A morte da hydra—Arrobas é bruto!—Reque-

rimento dos estudantes de medicina—Doidices—Regulamento para a policia—Antipathias—A campanha dos archotes—A mana do magistrado—Arrobas fazia versos—Tres espiões—Diz-se... etc., etc., etc.

Está á venda no Porto, Kiosque da Praça de D. Pedro. Pedidos a J. B., Rua da Mouraria 87, Lisboa.

Preço 50 reis

DECLARAÇÃO

Narciso Ferreira de Sousa, filho de Jeronymo Ferreira de Sousa, natural d'Aveiro, declara para todos os effectos, que desde 1878 se assigna Narciso Feio, prestando assim justa homenagem á memoria de seu nuncio esquecido padrinho, Luiz Cazimiro Feio.

Lisboa 1 de Setembro de 1882

Narciso Feio.

AGENCIA DA PROVINCIA

Proprietario: — Amorim & Companhia: — Escriptorio antigo Correio Geral 2—3.º

LISBOA

Esta agencia encarrega-se de tratar de prompto e mediante pequena commissão de:

Negocios forenses, esclarecimentos sobre collegios e casas de educação, certidões de exames, casamentos, matriculas, passaportes, etc. etc.

De comprar, mediante commissão modica, livros e obras dramaticas, musicas, machinas de costura, machinas e utensilios agricolas, artigos de modas, fazendas para vestuario, mobilia, pianos, objectos de ouro ou prata etc. etc.

Envia amostras e figurinos pelo correio.

Promove assignaturas e annuncios para todos os jornaes de provincia.

Encarrega-se de assignaturas e annuncios para todos os jornaes nacionaes e estrangeiros. Envia specimens dos mesmos.

Fornecer informações pelo correio ou telegrapho sobre qualquer pretensão dos tribunaes, cartorios, secretarias de estado, etc etc.

Recebe encomendas de vestidos, fatos para homem, calçado, etc etc. Encarrega-se de pôr á moda qualquer vestido ou chapéu antigo.

Tudo com a maxima brevidade e por preços resumidos.

Promove a venda em Lisboa de cereaes, vinhos, e outros quaesquer productos agricolas.

Dão-se referencias de credito. Para mais esclarecimentos, dirigir-se a

AGENCIA DA PROVINCIA ANTIGO CORREIO GERAL—2—3.º

LISBOA

FAVORITA

DE

BOM-AMENA

— Romance de propaganda republicana, descrevendo fielmente a historia de França desde 1871 até ao presente. — Saiu o 2.º fasciculo d'esta importante publicação, esmeradamente traduzida e illustrada. — É editada pelo sr. Francisco Nunes Collares, proprietario da Empresa Noites Romanticas, Rua da Atalaya 18—

LISBOA

SINGER!

Machinas para coser, a prestações de 500 reis semanaes



SINGER!

Machinas para coser com 10 por cento menos, a prompto pagamento

QUALQUER QUE SEJA A MACHINA NÃO SE PAGA ENTRADA

As melhores machinas para costura que todo o mndo conhece e que nunca tiveram rival

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

AS LEGITIMAS MACHINAS DE COSER SINGER

SÓ SE VENDEM NA

COMPANHIA FABRIL

SINGER

75—Rua de José estevão—79

(Em frente do edificio da Caixa Economica)

AVEIRO



52—LARGO DA PRAÇA—53

OVAR

PEÇAM CATALOGOS ILLUSTRADOS COM LISTAS DE PREÇOS QUE SE DARÃO GRATIS

Vende-se algodões, torças, agulhas, oleo e peças soltas preços baratissim